

'SÓ PENAS...', JORNAL DO 'FRONT'

Rubem Braga

COM A FEB NA ITALIA—(De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Via aérea) — O pessoal da Engenharia tem o seu proprio jornal. E' diario — e consta de uma unica folha mimeografada dos dois lados. O titulo é "Só Penas..." E' um pouco difficil explicar sua origem. No começo era um dito para exprimir insucessos de conquistas amorosas dos pracinhas, mas depois passou a ser aplicado ao serviço. Quando os homens estão trabalhando e rebenta uma granada nazista, perto, e ninguém fica ferido eles dizem: "Só penas", referindo se aos estilhaços.

O jornalzinho era feito de inicio, pelo cabo Kataiama e sargento Erico Paulo. Durante algum tempo foi dirigido pelo sargento Waldeck, mas em seguida a outra "crise de direção" passou a ser feito pelo sargento Luis André de Melo. Toda gente colabora, — com artigos, "peruadas" etc desde os pracinhas aos oficiais.

"Só Penas" tem uma parte de noticiário brasileiro e internacional colhido pelo radio. Isso é a primeira página. A segunda traz piadas, versos, reclamações, aniversários, conselhos etc. O já citado cabo Kataiama, filho de japonês, que é um excelente desenhista, ilustra o jornal.

Em um dos seus proximos numeros "Só Penas" vai publicar um artigo do capitão Raul Cruz Lima. Acho que ele será muito interessante para os leitores do DIARIO CARIOCA, pois dá uma idéa bem realista das missões que os homens dessa Arma têm desempenhado na Italia. Com licença do capitão Raul, vou transcrever o seu artigo.

"MISSÕES DA ENGENHARIA"
"Dentre as Armas, não há, por certo, outra de emprego mais sutil e variado que a Engenharia.

Seus encargos absorvem-na numa ação ininterrupta que, não raro, parece ultrapassar o limite das suas possibilidades, dando-lhe um caráter peculiar de persistência, desprendimento e altruísmo.

(Correspondente de Guerra do DIARIO CARIOCA)

Mesmo com a ampliação de seu emprego devido à guerra moderna, e com a diversidade de meio e clima que tem enfrentado, sem traquejar vai vencendo todos os obstáculos, inclusive os proprios elementos, numa luta silenciosa e continua.

De dia ou à noite, contra a neve ou a lama, às vezes com tra as duas, enregelada pelo frio ou envolvida na tempestade de neve, molhada até os ossos, persiste no trabalho muitas vezes rude, que facilitará as comunicações, a proteção e a garantia da propria vida dos camaradas das outras Armas.

Na maioria de suas missões, tem um inimigo alcançado que a espreita, passo a passo, para surpreendê-la no momento oportuno, ou que a espera em um ponto determinado, porque sabe que ela vai procurá-lo, furtivamente, ou então procura neutralizar ou impedir o trabalho do soldado de luvas de couro e botas de borracha.

O pracinha da Engenharia, com a experiencia de alguns poucos meses de front entendida, não sem um sorriso de compreensão, provocado pelas reminiscências de amores experimentadas, mais ou menos fortes, as palavras "missões de Engenharia".

Experimentou o que é transformar, com urgência, uma simples trilha esburacada, para uma e meia via, para caminhos ou para tanques, mais ou menos apressados, sem interromper o tráfego, que a todo o momento paralisa seu braço no ar, no instante de encontrar o "veio" da pedra ou de arrancá-la, numa pancada segura, lançando ao motorista inoportuno um olhar que bem pode dizer: passe logo, por favor...

Ou então abrir a toda pressa uma variante numa estrada engarrafada, para escoar toda uma coluna que se espreme e se impacienta em chegar ao destino — "e a Engenharia ainda não preparou esta estrada!" O grande numero de

carros pôde atrair um bombardeio rápido e inesperado, quando então se operam milagres nas leis do tráfego, com veículos enfiados "pegando" rapidamente, e com um incondicionado desejo geral — "trabalha depressa, Engenharia!"

Experimentou, depois de terminado seu serviço, vê-lo danificado pelo inimigo ou pelo tempo, ter de refazê-lo, mergulhando na lama, sem cerimônias, quando arrebentamentos em concentrações ou de simples inquietação lembram-no de que o inimigo não aprova seus serviços, feitos muitas vezes as suas barbas.

Experimentou, depois duma sugada jornada de trabalho, ser acordado à noite, embarcar num caminhão, com os ossos moídos, para retomar o trabalho num local desconhecido, enquanto seus oficiais, na penumbra ou na escuridão, reconhecem um local de acesso para tanques passaram na madrugada seguinte, e, num trabalho em silêncio e com cautela, conduzi-los às proximidades do inimigo. Tem prazer em fazer esse serviço de tal modo mascarado que possa dizer depois, na sua jirra simples:

"Destá vez o tédesco bo-beou..."

Já experimentou retirar minas, durante o assalto, em estradas de ninguém, com um inimigo obstinado a querer fazê-lo desistir. Debaixo de bombas ou à noite, com o ouvido atento, cravou seu bastão de prova na chapa empedrada e enganadora, até encontrar um objeto aparentemente inofensivo, porém colocado para reduzi-lo a pedaços...

Seus sentidos se subdividem em varias direções, e suas mãos vibram, procurando, apalpando na mimica estranha de quem tem a morte sob os proprios pés. Ou, quem sabe naquele simples arame?

Viu os tanques atravessarem pela trilha aberta com sacrifício, atingir ou não seus objetivos, surgindo talvez novas dificuldades para seu braço já exausto resolver.

Com seu roupão branco de ca-

muflagem, carregou à noite, como quem transporta um tesouro, muitas e muitas minas, para enterrá-las sob a neve, em algum ponto, talvez à frente dos P. A. de Infantaria, em terra de ninguém, com ou sem patrulha de proteção, de modo que o inimigo não o perceba nem o pressinta, plantando a estranha carga com as mãos enregeladas pelo frio, quando os dedos precisam atarrachar mecanismos delicados, adicionar "booby-traps" sensíveis, depois duma longa caminhada de vai e vem com as preciosas cargas, afundando na neve até os joelhos.

Construiu, nesta ou naquela casa, excavando uma viseira na alvenaria, horas a fio, enquanto ao lado uma parede ruía sob um impacto direto, um P. O. para o observador avançado de Artilharia poder regular com segurança os tiros que nos ajudarão a acabar com "eles" — "eles" que mataram amigos nossos, que ontem talvez estivessem fazendo esse mesmo trabalho.

Finda a missão, talvez sua casa ou o seu quarto estejam sob um monte de escombros, numa vingança de coincidência, fazendo com que ele trabalhe um pouco mais. Ou pode vir um chamado de socorro a um tanque que se despencou encosta abaixo.

Enfim, o soldado de Engenharia já passou por estas e outras — e encara seu trabalho com a serenidade e a convicção de quem cumpre o dever e defende, de corpo e alma, com o seu sangue, as Armas do Brasil.

Acima desses encargos, sabe que há muitíssimos outros, mais complexos e importantes, que possivelmente terá de enfrentar, em progressão crescente, pondo à prova todas suas possibilidades e seus recursos, contra um inimigo feroz na sua resistência, contra outra Engenharia velha na luta, e averfocada em requintes e embustes, e contra os elementos de uma Natureza que lhe prepara tantas surpresas, verdadeiros "booby-traps" do tempo.

São apenas, missões de Engenharia..."

11.4.45

162